

Universidades Lusíada

Matos, Marta

Modelos de intervenção do serviço social na saúde mental

<http://hdl.handle.net/11067/8363>

<https://doi.org/10.34628/8893-F890>

Metadados

Data de Publicação

2025

Resumo

O presente artigo analisa os modelos tradicionais de intervenção do Serviço Social em Saúde Mental, que constituem enquadramentos teóricos e orientações essenciais para a prática profissional. Através de uma revisão bibliográfica e de uma análise crítica da literatura especializada, procura-se compreender a evolução das abordagens e a forma como o Serviço Social tem incorporado novas perspetivas para responder às necessidades das pessoas com doença mental e das suas famílias. A reflexão prop...

This article analyzes the traditional models of intervention in Social Work within the field of Mental Health, which constitute essential theoretical frameworks and guidelines for professional practice. Through a bibliographic review and a critical analysis of the specialized literature, it seeks to understand the evolution of these approaches and how Social Work has incorporated new perspectives to address the needs of individuals with mental illness and their families. The proposed reflect...

Editor

Universidade Lusíada Editora

Palavras Chave

Serviço social com pessoas com deficiência mental

Tipo

article

Revisão de Pares

yes

Coleções

[ULL-ISSSL] IS, n. 66 (2025)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-30T01:05:03Z com informação proveniente do Repositório

MODELOS DE INTERVENÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL NA SAÚDE MENTAL

SOCIAL WORK INTERVENTION MODELS IN MENTAL HEALTH

Marta Matos

Assistente social, Mestre em Serviço Social, Doutoranda em Serviço Social

ORCID: 0009-0000-7935-1038

DOI: <https://doi.org/10.34628/8893-F890>

Data de submissão / Submission date: 08.10.2025

Data de aprovação / Acceptance date: 28.12.2025

Resumo: O presente artigo analisa os modelos tradicionais de intervenção do Serviço Social em Saúde Mental, que constituem enquadramentos teóricos e orientações essenciais para a prática profissional. Através de uma revisão bibliográfica e de uma análise crítica da literatura especializada, procura-se compreender a evolução das abordagens e a forma como o Serviço Social tem incorporado novas perspectivas para responder às necessidades das pessoas com doença mental e das suas famílias. A reflexão proposta enfatiza a relevância da adaptação e da inovação nas práticas de intervenção, reforçando o papel do assistente social na promoção da inclusão, do empowerment e da melhoria da qualidade de vida dos indivíduos em sofrimento psíquico, bem como no fortalecimento das suas redes de suporte.

Palavras-chave: Modelos; Intervenção; Serviço Social e Saúde Mental.

Abstract: This article analyzes the traditional models of intervention in Social Work within the field of Mental Health, which constitute essential theoretical frameworks and guidelines for professional practice. Through a bibliographic review and a critical analysis of the specialized literature, it seeks to understand the evolution of these approaches and how Social Work has incorporated new perspectives to address the needs of individuals with mental illness and their families. The proposed reflection emphasizes the importance of adaptation and innovation in intervention practices, reinforcing the role of the social worker in promoting inclusion, empowerment, and the improvement of the quality of life of individuals experiencing psychological distress, as well as in strengthening their support networks.

Keywords: Models; Intervention; Social Work, and Mental Health.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar os principais modelos de intervenção do Serviço Social na Saúde Mental, destacando as suas bases teóricas e implicações práticas.

Este entendimento tem levado à crescente necessidade de desenvolvimento de políticas e práticas que integram a saúde mental como um componente essencial do bem-estar geral das populações. Acresce, que a literatura reforça que os cuidados de saúde primários devem ser a base do sistema de saúde em qualquer parte do mundo, e que o modelo de saúde mental comunitária deve basear-se numa visão biopsicossocial, centrada na equidade e na recuperação.

Enquadramento teórico à luz do Serviço Social

Os modelos tradicionais de intervenção do Serviço Social em Saúde Mental tendem a facultar diretrizes e abordagens avançadas para a prática profissional. É importante ressaltar que a prática do Serviço Social é dinâmica, evolui constantemente, incorporando novas perspectivas e abordagens para atender às necessidades constantes da pessoa com doença mental e as suas famílias. Desempenha um papel importante na promoção da saúde mental, na prevenção e na reabilitação das doenças mentais. Os modelos de intervenção do Serviço Social na saúde mental são baseados numa perspectiva biopsicossocial, que enfatiza a importância da integração dos fatores biológicos, psicológicos e sociais no diagnóstico.

Entre os modelos de intervenção do Serviço Social na Saúde Mental, destacam-se: o modelo psicossocial, o modelo comunitário, o modelo de reabilitação psicossocial e o modelo de saúde mental positiva.

O modelo psicossocial é uma das correntes teóricas mais influentes no campo do Serviço Social, amplamente reconhecido como a primeira abordagem científica associada à profissão. Desenvolvido a partir das contribuições de figuras centrais como Mary Richmond, Gordon Hamilton e Florence Hollis, este modelo integra influências de diversas disciplinas, como a medicina e a psicanálise, para compreender e intervir nas complexidades humanas. Viscarret, (2007); Howe, (2009) apontam a abordagem centrada na interação dinâmica entre o indivíduo e o seu ambiente, destacam a importância dos fatores económicos, sociais, físicos, educacionais e psicológicos no diagnóstico e no tratamento de problemas sociais. O modelo psicossocial surge como uma resposta à necessidade de uma prática profissional mais estruturada e científica no Serviço Social. Mary Richmond, considerada uma das pioneiras da profissão, enfatizou a importância do diagnóstico social como técnica central na intervenção. Defendeu a criação de um corpo teórico coeso e fundamentado, baseado numa formação académica especializada e não meramente assistencialista. Este enfoque permitiu ao Serviço Social distanciar-se de práticas caritativas e aproximar-se uma abordagem mais sistemática e profissionalizada.

Além disso, o modelo psicossocial incorpora elementos da psicanálise de Sigmund Freud, especialmente no que diz respeito à compreensão das forças internas que influenciam o comportamento humano. No entanto, considera também as forças externas, como o contexto social e ambiental, que moldam a experiência individual. Esta dualidade entre o interno e o externo é um dos pilares do modelo, permitindo uma visão holística do indivíduo e dos seus problemas. Viscarret (2007) indica que o modelo psicossocial estrutura-se em torno de três eixos centrais, representados simbolicamente como vértices de um triângulo: a pessoa, a situação e a relação entre ambos.

A Pessoa, refere-se ao indivíduo como elemento central no processo de intervenção. São consideradas as forças internas, como as características psicológicas, emocionais e cognitivas, que influenciam o comportamento e a capacidade de resolução de problemas. Richmond (citada por Silva, 2004) destacou que os seres humanos são independentes, diferentes uns dos outros e não podem ser tra-

tados como meros objetos de intervenção. Esta visão humanista coloca o indivíduo no centro da prática profissional, reconhecendo a sua singularidade e autonomia.

A *Situação*, concentra-se nas forças externas que sensibilizam o indivíduo, sobretudo o contexto familiar, social, económico e cultural. O modelo psicossocial reconhece que os problemas sociais não surgem unicamente por fatores isolados, mas também por influências externas.

A *Relação entre a Pessoa e a Situação*, reincide na interação entre o indivíduo e o seu ambiente. A intervenção, não deve visar somente o individual, mas também o coletivo.

O diagnóstico vem assumir o cerne no modelo psicossocial, dado ser considerado a base para uma intervenção eficiente. Segundo Lameiras (2015), o diagnóstico permite identificar os aspetos suscetíveis de intervenção, compreender as causalidades dos problemas, estabelecer hipóteses e objetivos claros para o plano de ação. Este processo envolve a recolha de informação detalhada por meio de técnicas como a entrevista, a observação e a análise documental sobre o indivíduo e o seu contexto.

Quanto à intervenção psicossocial, esta caracteriza-se por uma abordagem mais centrada no indivíduo, porém com uma visão ampla que inclui o meio social. Falcão (1978, citado por Viscarret, 2007) sublinha que o assistente social deve capacitar os indivíduos e os grupos a relacionarem-se com o seu meio, possibilitando assim a satisfação de necessidades pessoais e coletivas. Em linha, a intervenção estabelece procedimentos.

Os *procedimentos indiretos*, em que atuam sobre o meio que envolve o indivíduo com o intuito de modificar ou erradicar pressões externas que possam contribuir para o problema.

Os *procedimentos diretos*, que correm diretamente no indivíduo, ou seja, o objetivo destes procedimentos passa pela promoção de mudanças internas, como o desenvolvimento de competências emocionais, cognitivas ou sociais.

Howe (2002) aponta a importância de analisar dois fatores na intervenção psicossocial, ou seja, os fatores de risco e os fatores protetores.

Os *fatores de risco*, enquanto elementos, tais como, a pobreza, a violência, o isolamento social ou a inacessibilidade a serviços básicos, que influenciam negativamente o indivíduo, aumentando a probabilidade de problemas emocionais, sociais ou de desenvolvimento.

Os *fatores protetores*, enquanto elementos, como o apoio social, a autoestima ou acessibilidade a recursos educacionais, promovem o bem-estar e a resiliência do indivíduo.

Tem como objetivo a promoção da saúde mental, através da integração de fatores psicológicos e sociais no diagnóstico e tratamento de problemas de saúde mental. O modelo atesta que os problemas de saúde mental são influenciados tanto pelos fatores biológicos, ecológicos e pelos fatores sociais.

Contudo, o Serviço Social usa sempre abordagens ajustadas na sua atuação com a pessoa com doença mental. Ainda assim, é de mencionar que uma das principais características do modelo psicossocial é a promoção do autoconhecimento das pessoas. Confirma-se que os atendimentos realizados pelo Serviço Social são individualizados e/ou grupo, com o propósito de se promover o autoconhecimento e uma melhor qualidade de vida aos indivíduos. Diante a compreensão dos fatores que impactam o seu comportamento, os indivíduos tendem a lidar melhor com as suas emoções, de forma mais saudável e construtiva. As intervenções do Serviço Social abrangem apoio e orientação tanto para o familiar, como para os cuidadores, com a finalidade, do relacionamento e do bem-estar emocional de todos os envolvidos. Este modelo, vem confirmar também a importância da participação dos indivíduos no processo de intervenção, e como é essencial que a pessoa com doença mental seja incitada a participar na sua recuperação. O Serviço Social tenta sempre envolver os interessados nas decisões a serem aplicadas nas intervenções no decorrer do processo de tratamento.

Outra característica importante do modelo psicossocial é a sua abordagem holística. Esta vem reconhecer que os problemas de saúde mental estão interligados a outros fatores da vida dos indivíduos, nomeadamente a sua situação socioeconómica, à ausência de rede de apoio social e às condições de vida. Desta forma, o Serviço

Social tenta abordar as adversidades da saúde mental do indivíduo num todo. A teoria vem propor que a saúde não recaia apenas na ausência de doença, mas também num estado de bem-estar físico, mental e social.

No entanto, o modelo psicossocial preocupa-se em promover a autonomia e o empoderamento da pessoa com doença mental durante o tratamento. Isto resulta, no respeito que o profissional concede à pessoa com doença mental acerca dos seus direitos durante as intervenções e sobre a importância da sua participação ativa ao longo do processo de tratamento. Esta abordagem valoriza a capacidade da pessoa com doença mental na tomada de decisões sobre a sua própria vida.

Contudo, para que este modelo resulte, é necessário que os profissionais de Serviço Social estejam devidamente capacitados para lidar com as várias necessidades apresentadas pela pessoa.

Nesse sentido, a investigação académica terá de assumir um papel fundamental na formação dos profissionais de Serviço Social. Diversos autores têm-se dedicado a analisar os diferentes modelos de intervenção na saúde mental, expondo exercícios teóricos para a prática profissional. Marilda Iamamoto e Raimunda Gomes, têm debatido as principais abordagens do Serviço Social na saúde mental e as suas ligações com outras áreas do conhecimento.

Além disso, é importante realçar que o modelo psicossocial não é a única abordagem utilizada pelo Serviço Social na Saúde Mental. É possível afirmar que o Serviço Social desempenha um papel importante na promoção da saúde mental e na prevenção de doenças mentais. Em consonância com outros modelos de intervenção diferentes, os profissionais da área preocupam-se em integrar os fatores biológicos, psicológicos e sociais no diagnóstico e no tratamento.

Uma segunda linha teórica é o *modelo comunitário* que consiste numa intervenção do Serviço Social na saúde mental que procura promover a saúde mental em comunidades e grupos vulneráveis. A abordagem comunitária, na saúde mental, é vista como uma resposta que abrange não só o indivíduo, mas também os aspetos sociais, culturais e políticos que influenciam na promoção ou na prevenção de doenças mentais. Nesse sentido, as intervenções comunitárias

deveriam incluir ações como a educação em saúde mental, a oferta de serviços de apoio psicossocial e a promoção da participação social e política dos indivíduos.

A ideia é que, ao trabalhar-se com a comunidade, o Serviço Social possa contribuir para o fortalecimento dos vínculos sociais e familiares, além de estimular a solidariedade e a cooperação entre os membros da comunidade. No entanto, salienta-se que o modelo comunitário apresenta fragilidades, nomeadamente, a pela falta de recursos (humanos e materiais), de apoio político, pela resistência de alguns grupos sociais e acima de tudo, pela lacuna de capacitação dos profissionais envolvidos.

Outra linha de atuação, prende-se com a proposta do *modelo de reabilitação psicossocial*, que é um modelo de intervenção do Serviço Social baseado na recuperação da pessoa com doença mental, desde que sejam facultados os recursos necessários para a integração. O modelo enaltece a importância de uma intervenção precoce e de continuidade nos cuidados, com o objetivo garantir uma melhor qualidade de vida dos indivíduos. diagnóstico numa intervenção precoce é crucial para que a adequação do tratamento possa prevenir a evolução do problema ou futuras consequências. Acresce, a necessidade de continuidade aos cuidados, importante para garantir que a pessoa com doença mental tenha acessibilidade aos serviços de saúde necessários durante a sua recuperação.

O Serviço Social neste modelo tem como principal objetivo intervir junto da pessoa com doença mental, para o capacitar para uma vida autónoma e com qualidade. Neste sentido, são pensadas atividades que envolvam a reabilitação e a reinserção social, através do apoio à educação, ao trabalho e às relações familiares e sociais. Salienta-se que na reabilitação psicossocial valoriza-se a singularidade da pessoa, tendo em conta a sua história de vida, as suas características pessoais e socioculturais.

Por sua vez, o *modelo de saúde mental positiva* promove a saúde mental por meio de aspetos positivos da vida da pessoa com doença mental. Segundo Seligman e Csikszentmihalyi (2000), a psicologia positiva, é uma base teórica que procura entender os aspetos positivos da vida, tais como a felicidade, a gratidão e a realização

pessoal, e de que forma, podem ser realizados e/ou adquiridos.

A saúde mental positiva realça a importância da resiliência como um fator crucial para a promoção da saúde mental, através da capacidade de adaptação e superação de adversidades. Este modelo de intervenção também aposta na procura pelo bem-estar, incluindo o desenvolvimento de competências para lidar com emoções negativas, a valorização das relações interpessoais e a adoção de hábitos de saúde de vida (Keyes, 2002). Para a implementação deste modelo de intervenção, é fundamental a participação ativa dos indivíduos e da comunidade na definição das estratégias e ações para a promoção da saúde mental. Uma das principais estratégias do modelo de saúde mental positiva é o fortalecimento da autoestima e do autoconceito dos indivíduos, de modo a aumentar a sua capacidade de lidar com situações adversas e stressantes. Esta abordagem baseia-se na teoria da resiliência, que realça a capacidade das pessoas de recuperar de eventos traumáticos e superar desafios. Diversas pesquisas demonstraram que a promoção da resiliência pode levar a uma melhoria da saúde mental e do bem-estar dos indivíduos (Smith et al., 2018; Windle et al., 2020).

De salientar, que o modelo de saúde mental positiva enfatiza a importância das relações interpessoais e da rede de apoio social na promoção da saúde mental. A intervenção do Serviço Social neste modelo visa fortalecer as conexões sociais dos indivíduos e promover a inclusão social. Isto pode ser realizado através de atividades em grupo, como grupos de apoio e terapia comunitária, que têm como objetivo fornecer um ambiente seguro e acolhedor para que os indivíduos possam compartilhar suas experiências e conectar-se com outros membros da comunidade (Keyes, 2007).

Em suma, o Serviço Social desempenha um papel fundamental na promoção da saúde mental, integrando fatores biológicos, psicológicos e sociais no diagnóstico e tratamento de problemas de saúde mental. Assim, os modelos de intervenção do Serviço Social na saúde mental visam a participação ativa dos indivíduos e da comunidade na definição das estratégias e ações para a promoção da saúde mental, contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos.

Considerações finais

A análise dos diferentes modelos de intervenção do Serviço Social na Saúde Mental evidencia a riqueza e a complexidade das abordagens que sustentam a prática profissional nesta área. Cada modelo contribui de forma singular para a compreensão e atuação face aos desafios colocados pela doença mental, reforçando o papel do Serviço Social na promoção da saúde, na inclusão social e na defesa dos direitos das pessoas em situação de vulnerabilidade.

O modelo psicossocial contribui ao fornecer uma base teórica sólida e uma visão holística do indivíduo, articulando as dimensões biológica, psicológica e social. Este modelo reforça a importância da relação profissional e do diagnóstico social como instrumentos essenciais para a compreensão das causas do sofrimento mental. Contudo, a sua limitação reside no facto de, por vezes, privilegiar a dimensão individual em detrimento da intervenção comunitária ou estrutural.

O modelo comunitário amplia esta perspetiva ao enfatizar a intervenção coletiva, o empoderamento comunitário e a participação social. Contribui para o fortalecimento das redes de apoio e para a redução do estigma associado à doença mental. Todavia, enfrenta limitações práticas como a escassez de recursos humanos e financeiros, a falta de apoio político e a carência de formação específica dos profissionais para atuar em contextos comunitários complexos.

O modelo de reabilitação psicossocial destaca-se pela sua orientação para a recuperação e reintegração social da pessoa com doença mental. Valoriza a continuidade dos cuidados, a autonomia e a reinserção socioprofissional, promovendo a construção de projetos de vida mais sustentáveis. A sua limitação principal encontra-se na dependência de uma rede articulada de serviços, muitas vezes inexistente ou fragilizada, o que compromete a eficácia das intervenções.

Por sua vez, o modelo de saúde mental positiva introduz uma perspetiva inovadora centrada no bem-estar, na resiliência e no desenvolvimento das potencialidades humanas. Esta abordagem contribui para uma prática preventiva e promotora de qualidade de

vida, deslocando o foco da doença para a promoção de competências e relacionamentos saudáveis. Contudo, a sua implementação requer mudanças estruturais nas políticas públicas e na cultura organizacional das instituições de saúde, o que constitui um desafio a longo prazo.

De forma integrada, estes modelos demonstram que a intervenção do Serviço Social em Saúde Mental deve articular dimensões individuais, familiares, comunitárias e estruturais, reconhecendo a complexidade do fenómeno da saúde mental. Recomenda-se, por conseguinte, que as políticas públicas reforcem o investimento em redes de apoio psicossocial, formação contínua de profissionais e programas de promoção da saúde mental baseados em evidências.

Além disso, torna-se fundamental que a formação profissional em Serviço Social incorpore uma abordagem interdisciplinar, crítica e reflexiva, capaz de preparar os futuros profissionais para responder aos desafios emergentes e contribuir para uma sociedade mais justa, inclusiva e mentalmente saudável.

Referências bibliográficas

- Falcão, M. (1978). *Intervenção psicossocial e Serviço Social*. Lisboa: Instituto Superior de Serviço Social. (Citado em Viscarret, 2007)
- Howe, D. (2002). *Psychosocial Work Theory and Practice*. Palgrave Macmillan.
- Howe, D. (2009). *A Brief Introduction to Social Work Theory*. Palgrave Macmillan.
- Iamamoto, M. V. (2007). *Serviço Social em tempo de capital fetiche: Capital financeiro, trabalho e questão social*. Cortez Editora.
- Keyes, C. L. M. (2002). The mental health continuum: *From languishing to flourishing in life*. *Journal of Health and Social Behavior*, 43(2), 207-222. <https://doi.org/10.2307/3090197>
- Keyes, C. L. M. (2007). Promoting and protecting mental health as flourishing: *A complementary strategy for improving national mental health*. *American Psychologist*, 62(2), 95-108. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.62.2.95>
- Lameiras, M. (2015). *Diagnóstico social e intervenção psicossocial*. Lis-

boa: Pactor.

- Richmond, M. E. (1917). *Social Diagnosis*. Russell Sage Foundation.
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). *Positive psychology: An introduction*. *American Psychologist*, 55(1), 5–14. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.5>
- Silva, A. (2004). *Mary Richmond e a génese do Serviço Social moderno*. Porto: Universidade Católica Portuguesa.
- Smith, B. W., Tooley, E. M., Christopher, P. J., & Kay, V. S. (2018). Resilience as the ability to bounce back from stress: A neglected personal resource? *The Journal of Positive Psychology*, 13(5), 509–516. <https://doi.org/10.1080/17439760.2017.1414298>
- Viscarret, J. J. (2007). *Modelos y métodos de intervención en Trabajo Social*. Alianza Editorial.
- Windle, G., Bennett, K. M., & Noyes, J. (2020). A methodological review of resilience measurement scales. *Health and Quality of Life Outcomes*, 18(1), 336. <https://doi.org/10.1186/s12955-020-01597-0>